

## Caderno de receita de Minas Gerais oitocentista: uma análise de itens lexicais de pesos e medidas

*Recipe book from Minas Gerais  
in the nineteenth century: an  
analysis of lexical items of  
weights and measures*

Soélis Teixeira do Prado MENDES (UFOP)  
[soelis@ufop.edu.br](mailto:soelis@ufop.edu.br)

Recebido em: 12 de mar. de 2022.  
Aceito em: 24 de jun. de 2022.

MENDES, Soélis Teixeira do Prado. Caderno de receita de Minas Gerais oitocentista: uma análise de itens lexicais de pesos e medidas. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 12, n. 2, e2403, p. 22-37, maio-ago./2022. DOI: 10.22168/2237-6321-22403.

**Resumo:** Este artigo utiliza como *corpus* o caderno de receita de Dona Plautina Nunes Horta, escrito em 1896, na cidade de Mariana (MG), o qual possui um conjunto de 130 receitas culinárias da cozinha mineira. Nosso objetivo é analisar, sob o viés histórico, o uso de uma terminologia lexical de pesos e medidas de diferentes sistemas aqui denominados de “antigo” e “novo”. Com o uso da ferramenta *Concordanciador AntConc*, fizemos o levantamento de 34 tipos diferentes de pesos e medidas dos ingredientes. Após fazer um estudo sobre a história da implantação dos sistemas de medição, tanto em Portugal quanto no Brasil (LOPES, 2005; ZUIN, 2007), procuramos explicar por que são utilizados diferentes itens lexicais terminológicos para indicar pesos e medidas no *corpus* sob análise. Como resultado, constatamos que a diversidade de terminologias lexicais retrata um *habitus* cultural (BOURDIEU, 1977; DURANTI, 2000) de permanecer com o antigo sistema e, ao mesmo tempo, aceitar o novo.

**Palavras-chave:** Linguística Histórica. Estudo do léxico. Pesos e medidas.

**Abstract:** This paper uses as *corpus* Dona Plautina Nunes Horta's recipe book, written in the city of Mariana in 1896, which contains a set of 130 recipes from Minas Gerais cuisine. Our goal is to analyze, from a historical perspective, the use of the lexical terminology of weights and measures from different systems, here called "old" and "new". Using *AntConc*, a freeware corpus analysis toolkit for concordancing and text analysis, we surveyed 34 different types of weights and measures of ingredients. After studying the history of the implementation of measurement systems, both in Portugal and Brazil (LOPES, 2005; ZUIN, 2007), we tried to explain why different terminological items are used to indicate weights and measures in the corpus under analysis. As a result, we found that the diversity of lexical terminologies portrays a cultural *habitus* (BOURDIEU, 1977; DURANTI, 2000) of staying with the old system while accepting the new one.

**Keywords:** Historical Linguistics. Lexicon study. Weights and measures.

## Introdução

Em Minas "era tal a falta de mantimentos, que se vendia no Ribeirão um alqueire de milho por 20 oitavas e de farinha por 32 e o de feijão por 32; uma vara de fumo por 5 oitavas e um prato pequeno de estanho cheio de sal por 8" (FRIEIRO, E. **Feijão, angu e couve**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2019, p. 13).

O assunto a ser discutido neste artigo é parte da pesquisa de pós-doutorado, intitulada "Entre cadernos, prosa e fogão a lenha: vocabulário de receitas mineiras seculares", desenvolvida sob a supervisão da profa. Dra. Clotilde A. Murakawa, na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP –, Câmpus de Araraquara. Para essa pesquisa consideramos que resgatar a memória perdida em cadernos antigos e engordurados escritos por mulheres que, no passado, quando sabiam escrever, começavam o enxoval também pelas receitas, nos permite:

- a) valorizar a cozinha, pois que, para Lévi-Strauss, "enquanto criação humana", "é homóloga da linguagem, [e] transmuta o mundo anônimo da natureza em mundo da cultura" (ABDALA, 2015, p. 37);
- b) entender como a cozinha contribuiu para a construção da imagem do mineiro;
- c) investigar termos pretéritos de uma área de especialização – sejam eles referentes a instrumentos de medida, nomes de alimentos ou de um prato – que podem ter se perdido no tempo, de modo a torná-los acessíveis ao grande público.

Mas, para o presente artigo, nosso objetivo é mais modesto: fazer uma análise, sob o viés histórico, do uso de uma terminologia lexical de pesos e medidas de diferentes sistemas aqui denominados "antigo" e

“novo”. Este último se refere ao sistema metrológico francês, desenvolvido a partir da Revolução Francesa; já o “antigo” (ou antigos), refere(m)-se a diferentes sistemas de pesos e medidas que foram sendo adaptados ou reinventados, seja em Portugal, seja no Brasil, ao longo da história. Para os pesos e medidas dos ingredientes, por exemplo, coexistem, no referido *corpus* sob análise, os padrões *libra*, *onça* e *quilograma* e suas frações – usados variavelmente; como também medidas intuitivas, como *pires*, *pratos*, *tigelas*, *copos*, *xícaras*, *colheres*, *réis* e *mão*.

O receituário culinário que serve de análise neste artigo, e que pertence a um *corpora* maior, recebeu a sigla CRM-1896 e foi escrito em Mariana (MG), no ano de 1896, pela Sra. Plautina Nunes Horta<sup>1</sup>. Trata-se de um caderno que possui as seguintes medidas: 16,1 cm de largura x 11,4 cm de comprimento, capa dura preta, corroída e bem desgastada. Até a página 90, a numeração do livro é do mesmo punho que o escreveu; já da página 91 a 98, a numeração é de outro punho. Essa mudança de punho é constatada pelas características da letra, em especial do *ductus* que, na primeira parte da escrita, é inclinado para direita, e, na segunda, para a esquerda. O caderno possui pautas de 0,9 cm de altura; por sua vez, as margens possuem: à esquerda, 1,3 cm; à direita – essa margem possui dois traçados em tinta vermelha: o primeiro dista do segundo em 1,9 cm, e o segundo dista da borda da página em 1,4 cm.

Esse manuscrito doméstico que, possivelmente, “nunca foi alvo de um pretense desejo de ser publicado”, possui, conforme Magalhães (2021, p. 3), “narrativas de experiências pessoais de mulheres” e se distingue por apresentar uma “construção livre do texto e com ausência das convenções formais da escrita” (MAGALHÃES, 2021, p. 13). Exatamente por isso, esse tipo de *corpus* pode ser de interesse aos estudos da Linguística Histórica *stricto sensu*, que depende da Filologia (MATTOS E SILVA, 2008), pois se trata de um *corpus* datado e, a julgar pela presença majoritária de um único punho, foi exarado pela mesma pessoa, a Sra. Nunes Horta. Isso torna o manuscrito ainda mais importante para os estudos diacrônicos: porque traz identificado o *scriptor* do testemunho.

---

<sup>1</sup> Esse caderno faz parte do acervo de Maria Stella Libâneo Christo e se encontra sob a guarda da Biblioteca Central da UFMG. Aproveito para fazer duplo agradecimento: a Frei Betto que me autorizou a fazer publicações sobre os cadernos constantes desse acervo, pertencente a sua mãe; e ao Sr. Antônio Afonso Pereira Júnior, funcionário da referida biblioteca, Setor Escritores Mineiros, pela cordialidade e disponibilidade com que me atendeu durante as visitas para realizar a pesquisa.

O linguista diacronista que pretende levantar e transcrever manuscritos para compor seu *corpus* de pesquisa deve possuir conhecimentos de Filologia e também de Paleografia, uma vez que o resultado de seu trabalho deve refletir fielmente o testemunho transcrito. Para que isso ocorra, conforme afirma Fachin (2008, p. 19), o pesquisador diacronista deve fazer uso de “normas de transcrição<sup>2</sup> e critérios de leitura elaborados, com o intuito de editar os documentos de forma fidedigna, ou seja, sem oscilações”. Como nosso objetivo é sempre manter a transcrição conservadora, fizemos uso da edição diplomática, que consiste em interferir o mínimo possível no testemunho: são mantidos os sinais de pontuação e as abreviaturas. Para além da conservação desses traços, também não são desfeitas as fronteiras de palavras, embora no *corpus* aqui utilizado não tenha ocorrido esse último caso. Todavia, por mais que cuidemos para que o modelo não sofra muitas intervenções durante esse labor, temos consciência de que, como nos ensina Cambraia (2005, p. 94), “uma edição diplomática já constitui uma interpretação subjetiva, pois deriva da leitura que um especialista faz do modelo”.

A metodologia de pesquisa consistiu, num primeiro momento, da transcrição do testemunho, considerando os aspectos anteriormente mencionados. Para levantamento dos dados, foi utilizada a ferramenta *Concordanciador AntCon*: com ela foi possível realizar, no *corpus* sob análise, a busca por itens lexicais referentes a pesos e medidas, os quais são apresentados em lista. Depois, a ferramenta apresenta uma lista com o termo pesquisado, o contexto e a frase em que se encontra, bem como a concordância realizada. Uma vez selecionados os termos, partimos para analisá-los.

Este artigo está assim estruturado: logo depois da introdução, fazemos uma discussão sobre o referencial teórico; em seguida, apresentamos e discutimos os dados; depois, fazemos nossas considerações finais e, por último, apresentamos nossas referências.

### **A língua, a cultura, a memória e o léxico**

A língua é uma atividade social e cultural que é produzida por todos que pertencem a uma comunidade ou região, criando uma identidade cultural. Ao realizarmos uma pesquisa sobre língua,

---

<sup>2</sup> Infelizmente, por questões de espaço, não nos será possível apresentar as normas utilizadas para a transcrição. Mas para essa tarefa, utilizamos as normas propostas por Mendes (2008).

investigamos, também, a cultura e a identidade de seus falantes; a essa última podemos chamar, com base em Hall (2006), identidade cultural. Segundo esse autor, a identidade cultural se liga a aspectos de nossas identidades que nascem de nosso pertencimento a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e nacionais.

Sobre a cultura, o antropólogo Duranti (2000) apresenta algumas “teorias” segundo as quais a linguagem desempenha um papel importante “porque conduz o mais completo sistema de classificação de experiências”<sup>3</sup>: i) *A cultura como algo distinto da natureza*; ii) *A cultura como conhecimento*; iii) *A cultura como comunicação*; iv) *A cultura como um sistema de mediação* e v) *A cultura como um sistema de práticas*.

Apesar de as teorias propostas por Duranti (2000) preverem um plano de investigação próprio, juntas, produzem um amplo espectro para o estudo da cultura e para a análise da língua como ferramenta social e conceitual, uma vez que é ela o produto e o instrumento dessa cultura. Segundo Woodward (2009), toda cultura possui suas próprias formas de classificar o mundo, e dentre os instrumentos que servem como sistemas classificatórios, e que são disponibilizados ao homem por essa cultura, temos a língua com a qual é possível dar sentido ao mundo social e construir significados. Tanto a língua como a cultura e a própria prática social do sujeito nunca estarão desvinculadas do seu cotidiano, pois não há possibilidade de o homem e a língua encontrarem-se em instâncias totalmente diferentes.

Todas as “teorias” de cultura propostas por Duranti (2000) nos ajudam a compreender e analisar o uso de um léxico específico de receituário culinário nos cadernos e livros das “cozinheiras mineiras”. No entanto, acreditamos que teorias expressas em (i) *A cultura como algo distinto da natureza* e em (v) *A cultura como um sistema de práticas* nos serão mais úteis, visto que cozinhar é uma prática ou uma ação humana cujo registro escrito das receitas colabora para a perpetuação de um *habitus*. Como disse Câmara Cascudo (2004, p. 15), “[...] o povo guarda a sua alimentação tradicional porque está habituado, porque aprecia o sabor, porque é a mais barata e acessível. Pode não nutrir, mas enche o estômago. E há gerações e gerações fiéis a esse ritmo”, principalmente quando “esse ritmo” fica registrado pela escrita.

A memória contribui para preservar essa cultura e a materialização dessa memória é também tarefa da língua – oral ou

<sup>3</sup> “...porque aporta el más complejo sistema de clasificación de experiencias” (DURANTI, 2000, p. 80).

escrita. Esta última, conforme Assman (2011), faz parte de um “projeto de eternização”, pois

[...] os egípcios enalteciam a escrita como o *médium* mais seguro da memória. Quando olhavam retrospectivamente para a própria cultura, em um lapso temporal de mais de mil anos, ficava-lhes claro que construções colossais e monumentos jaziam em ruínas, mas os textos daquela mesma época ainda eram copiados, lidos e estudados (ASSMAN, 2011, p. 195).

Chamamos a atenção para o fato de que a língua eterniza a memória e, ao fazer isso, materializa e também eterniza a si própria, conforme podemos inferir da citação abaixo:

[...] ao enfrentarmos documentos em língua portuguesa de outros tempos anteriores ao nosso, certas formas parecerão estranhas, embora inteligíveis, ou irreconhecíveis. As formas levemente estranhas [...] em geral continuam em nosso sistema contemporâneo como resíduos históricos, mantidos por uma norma gramatical conservadora, centrada na língua escrita. As formas totalmente estranhas ou irreconhecíveis, por outro lado, atestam estágios anteriores ao sistema: que nem mesmo a norma padrão escrita preservou. (TARALLO, 1990, p. 19).

Essas “formas totalmente estranhas ou irreconhecíveis” só podem ser apreendidas porque a escrita permite entrever o passado de uma língua, em qualquer um de seus níveis, e, mais especificamente, nos termos deste artigo, no lexical. Ou seja, a técnica da escrita remove “a memória de dentro do ser humano”, tornando-a fixa e “independente dos portadores vivos” (ASSMAN, 2011, p. 367).

Como o estudo do léxico é a questão central deste artigo, é mister apresentarmos uma definição e delimitação na literatura linguística. Como bem nos lembra Biderman (1998, p. 11), o léxico pode ser primariamente definido como aquele que “[...] constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo”. Esse registro ocorre através do ato de nomear: se a coisa existe, nomear é preciso, pois

[...] desde o princípio de nossa história, tivemos a necessidade de nomear o mundo que nos circunda, [...] dar nomes a tudo o que está a nossa volta, como plantas, animais, instrumentos de trabalho, entre tantas outras coisas (MURAKAWA; NADIN, 2013, p. 8).

O léxico possui uma relação muito próxima à história cultural da comunidade que o utiliza, o que permite entrever o seu modo de vida, o modo como seus integrantes apreendem a realidade e como recortam o mundo e se organizam nele, além de também permitir sistematizar



os muitos aspectos do conhecimento. Por isso, as autoras Oliveira e Isquerdo (1998, p. 8) defendem que o léxico é um “saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, [e] constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-lingüístico-cultural”.

Na memória dos falantes está armazenado um conjunto de formas léxicas que lhes permite acessar informações ou dados sobre o universo linguístico-cultural o qual é responsável pela apreensão e organização simbólica, por parte desses falantes, da realidade que os rodeia. Por isso, acreditamos que o léxico indicia o modo como um grupo vê a realidade que o circunda e a forma como designa as coisas. Como esse olhar é direcionado pelas experiências próprias do indivíduo que vê, é coerente afirmarmos que o léxico também define eventos de cultura.

A seguir, propomo-nos a discutir, mesmo que de forma breve, as ciências do léxico e como se entrelaçam. As ciências que se ocupam do estudo do léxico são a lexicologia, a lexicografia e a terminologia. As três estabelecem um diálogo entre si, mas cada uma possui um modo de investigar o léxico, de forma distinta.

A Lexicologia investiga a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico. Para Vilela (1994, p. 10), “sua função é apresentar as informações acerca das unidades lexicais necessárias à produção do discurso e caracterizar a estrutura interna do léxico, tanto no aspecto conteúdo, como no aspecto forma”.

A Lexicografia, conforme Haensch *et al.* (1982, p. 11), encarrega-se da “descrição léxica que se concentra no estudo e na descrição dos morfemas e lexemas individuais dos discursos individuais, dos discursos coletivos, dos sistemas linguísticos individuais e dos sistemas linguísticos coletivos”. Para ampliar um pouco mais essa definição, buscamos aporte teórico em Zavaglia e Welker (2008, p. 5)<sup>4</sup>, para quem a Lexicografia “cabe elaborar obras de referência, principalmente dicionários, impressos ou on-line, além de bases de dados lexicais”. Os autores fazem referência à Lexicografia prática, que se difere da Lexicografia teórica e da Metalexigrafia, “que estuda todas as questões ligadas aos dicionários (história, problemas de elaboração, análise, uso)” (ZAVAGLIA; WELKER, 2008, p. 5).

Terminologia – termo polissêmico que contradiz “o ideal de univocidade perseguido por sua própria teoria tradicional” (MACIEL,

<sup>4</sup> Disponível em: <[http://www.lettras.ufmg.br/padrao\\_cms/?web=gtlex&lang=1&page=2329&menu=1547&tipo=1](http://www.lettras.ufmg.br/padrao_cms/?web=gtlex&lang=1&page=2329&menu=1547&tipo=1)>. Acesso em: 10 fev. 2022.

2001, p. 40); pois, segundo Cabré (1993), *terminologia* designa, pelo menos, três conceitos diferentes<sup>5</sup>:

- a) O conjunto de princípios e bases conceituais que regem o estudo dos termos;
- b) O conjunto de diretrizes que se utiliza do trabalho “*terminográfico*”;
- c) O conjunto de termos de uma determinada área de especialidade.

Cada uma dessas acepções, como reforça Cabré (1993), refere-se a aspectos específicos: (a) à disciplina, (b) à metodologia e (c) à designação do conjunto de termos de cada área específica.

Os termos, isto é, as palavras técnicas, objeto de estudo da Terminologia, caracterizam, no entendimento de Maciel (2001), a linguagem de especialidade. Ainda segundo a autora, esses termos passam a existir “quando se unem indissolúvelmente a conceitos determinados dentro de um conjunto estruturado em uma área de especialidade” (MACIEL, 2001, p. 40). Somente a partir daí, as unidades léxicas, no interior desse sistema, são consideradas “unidades terminológicas e passam a constituir uma terminologia” (MACIEL, 2001, p. 41).

A partir dessa breve discussão sobre os referenciais teóricos que embasam nossa investigação, podemos afirmar que (i) a concepção de língua que subjaz a esta proposta se baseia em Lucchesi (2015, p. 29), para quem a língua é “dialeticamente produto e veículo das relações humanas”; (ii) a língua, como prática social, faz parte da cultura de um povo, assim como a alimentação, e essa língua contribui para materializar a memória desse povo e dela própria; (iii) o léxico, podemos assim dizer, é um “objeto” tangível das estruturas constituintes da língua e permite entrever a relação do falante com a sua memória histórica, social e cultural.

## **Apresentação e análise dos dados**

Conforme já dissemos, nosso objetivo é fazer uma análise histórica do uso lexical de instrução culinária, especificamente referente a pesos e medidas, extraído do *corpus* etiquetado como CRM-1896. Nele localizamos 34 tipos de pesos e medidas dos ingredientes, dentre os quais citamos: *libra, onça, quarto, kilo, grama*, e medidas intuitivas como

<sup>5</sup> a) El conjunto de principios y de bases conceptuales que rigen el estudio de los términos.

b) El conjunto de directrices que se utilizan en el trabajo terminográfico.

c) El conjunto de términos de una determinada área de especialidad (CABRÉ, 1993, p. 82).



*prato, prato de mesa, prato fundo e prato raso, pires, pires de chá, pires grande e pires pequeno, tigela, copos, reis* (nome da moeda) e *mão* (*cheia*).

Diante desse quadro diverso, perguntamos: (i) por que ora se usava *libra, onça* e quarto, ora *kilo* e *grama* numa mesma receita ou em receitas diferentes? (ii) por que eram usadas medidas intuitivas? Para responder a essas questões consultamos Lopes (2005) e a Zuin (2007), por meio dos quais tivemos acesso à história do sistema de pesos e medidas em níveis mundial e nacional. Segundo Zuin (2007, p. 54), as primeiras unidades de comprimento, em diferentes grupos humanos, tinham como base as dimensões do corpo humano: mãos e palmos, dígitos (dedos) e pés. “Para os volumes, eram utilizados os utensílios de uso diário”. No início da era cristã, devido à expansão do Império Romano, as medidas utilizadas em Roma se espalharam pela Europa, e, apesar de as respectivas dimensões não terem se mantido as mesmas, as nomenclaturas se preservaram, que são *pé* e *libra*<sup>6</sup>.

Os vários e diferentes sistemas de medidas usados em Portugal até o século XIX têm influências romanas, europeias e árabes (LOPES, 2005). Tal cruzamento de influências é explícito na terminologia lexical metrológica, e, conforme o autor, as medidas de peso *libra* e *onça* são de origem romana; *marco*, de origem alemã, *quintal*, *arroba* e *arrátel*, de origem árabe. Ainda de acordo com Lopes (2005), as unidades de medidas eram, na maioria dos casos, herança de um passado longínquo.

Em 1361, D. Pedro I promoveu uma reforma nesse sistema, mas os padrões antigos continuavam a ser utilizados pela população. Em 1521, com a edição final das Ordenações Manuelinas, foi instituída a padronização das medidas de peso, sendo definidos múltiplos e submúltiplos das unidades principais para que fossem aplicadas no comércio. Estabeleceu-se o *marco-padrão*, e assim um *arrátel* passou a equivaler 2 *marcos*, e uma *onça*, 1/8 de *marco*, e sucessivamente. Verificamos que as medidas de peso foram alteradas, mas as terminologias lexicais se mantiveram ligadas ao passado.

Até o início do século XIX, havia uma diversidade de pesos e medidas em diferentes locais de Portugal. Em 1812, adotou-se o sistema francês, criado durante a Revolução de 1789, que se baseava no metro<sup>7</sup>, mas manteve-se a terminologia lexical das antigas unidades de

<sup>6</sup> Segundo Nascentes (1968, p. 446), *libra*, termo latino, refere-se a “peso romano de 324 gramas. O nome da moeda vem da existência de uma que representava o peso de uma libra de ouro ou de prata”.

<sup>7</sup> Segundo Lopes (2005), o metro era uma medida linear equivalente, por definição, à décima milionésima parte do quarto de meridiano terrestre.

medida: a unidade de comprimento não era o *metro*, mas a *vara* (nome de origem europeia, conforme Lopes, 2005), e para a principal unidade de massa manter-se-ia o item lexical *libra*. Em 1816, D. João VI procurou simplificar os sistemas, padronizando o *canada*, para os volumes, que corresponderia a um *litro*; a *libra* para o *peso*, que equivaleria a um *quilograma*; e *mão-travessa* para o *comprimento*.

No Brasil, adotou-se o mesmo sistema português: mudaram-se os padrões, mas manteve-se a antiga terminologia lexical lusitana, “para não provocar reações populares” (ZUIN, 2007, p. 62). Assim, para a medição de peso utilizava-se a *libra*; para pesos múltiplos, instituiu-se que 01 *arroba* seria equivalente a 10 *libras*; 01 *quintal*, 10 *arrobas* e assim por diante; quanto aos múltiplos, 01 *décimo* equivaleria a 1/10 de *libra* e assim por diante. Notamos, no entanto, que, na categoria dos múltiplos, a medida *onça* deixou de ser oficial.

Em meados do século XIX, em Portugal, Dona Maria II instituiu um decreto por meio do qual se adotou o Sistema Metro Legal da França bem como a respectiva terminologia lexical francesa para designar as diferentes unidades dos novos pesos e medidas, seus múltiplos e submúltiplos.

De acordo com Lopes (2005), as sucessivas reformas *metrológicas* ocorridas em Portugal, antes da introdução do sistema métrico decimal francês, não suprimiam os vestígios dos antigos sistemas europeus, árabes e romanos. No entanto, as terminologias lexicais foram perdendo o seu significado original. Já as novas unidades introduzidas por uma determinada reforma normalmente se relacionavam com as antigas por meio de um fator numérico, que poderia ser inteiro (2,3,4...) ou uma fração simples (1/2, 1/3, 1/4, 2/3...). Assim, segundo o autor, embora desaparecessem, algumas unidades continuavam, por outro lado, a estar na base dos novos sistemas: “na região do Porto, o alqueire de Sangalhos era considerado equivalente a uma fracção de 5/8 (=0.625) do alqueire de Lisboa” (LOPES, 2005, p. 44). Em nosso *corpus*, localizamos a medição de ingredientes por meio de fração: *Libra e meia de assucar, em | ponto de ajuntar 10 ovos, só | com as claras finas, 1/4.<sup>a</sup> de fr.<sup>a</sup> | de trigo, 1/4.<sup>a</sup> de manteiga (..)* (CRM-1896). Nessa receita, embora não seja similar ao caso português, faz-se uso da fração de uma parte inteira, no caso a *libra*, no lugar de *gramas*, ou seja, 250 gramas de farinha de trigo e 250 gramas de manteiga.

No Brasil, instituiu-se, por meio de um decreto, uma comissão que ficou encarregada de corrigir o sistema de pesos e medidas de então.

Com esse novo decreto, institui-se o *marco* como unidade de medida de peso, assim 01 *onça* equivaleria a 1/8 de *marco*; 01 *oitava*, 01 *onça*; 01 *libra*, 02 *marcos*, entre outras medidas. Ou seja, com essas mudanças permaneceram as unidades portuguesas (*libra*, *onça*, *oitava*...), mas com nova unidade de medida: o *marco*.

Em 1872, com um novo decreto brasileiro, regulamentou-se o sistema métrico decimal. No entanto, entre a população havia resistência ao “novo”, e as antigas terminologias lexicais mantiveram-se: para o peso da massa, insistia-se no uso de *libra*, *grão*, *marco*, *onça*, *oitavo* e *quintal*. Em 1874, o sistema francês passou a ser o único legal a ser aceito.

Entretanto, em que pese essa obrigatoriedade, localizamos, em nosso *corpus*, datado de 1896, a adoção de antigas e novas unidades de medidas, prática muito comum tanto entre os povos dominados pelos romanos, como entre os portugueses do Antigo Regime ao século XIX. Tal comportamento cultural vai ao encontro da definição de cultura como um sistema de práticas, defendida por Duranti (2000). Este autor, para a proposição dessa denominação, baseou-se em Bourdieu (1977), ou mais especificamente, no que ele chamou de *habitus*, que é a presença ativa de todo o passado do qual é produto; é a história incorporada, naturalizada e esquecida.

Esse *habitus* que permanece também na memória é resgatado pela escrita, especificamente, por meio do léxico, ou seja, trata-se de “um saber partilhado”. Vejamos a tabela 1 abaixo que mostra a frequência de ocorrência do “novo” e do “antigo” no *corpus* analisado:

Tabela 1 – Ocorrência do léxico de pesos e medidas

<b>Pesos e medidas<sup>8</sup></b>	<b>No. de ocorrência</b>
<i>Gramma</i>	27
<i>Kilo</i>	14
<i>Libra</i>	116
<i>Onça</i>	04
<i>Quarta</i>	28

Fonte: Dados da pesquisa.

No uso de medidas múltiplas, o termo *libra* foi o preferido, pois ocorreu 116 vezes, contra 14 ocorrências de *kilo* (quilograma), que faz parte do sistema adotado a partir de 1874; quanto aos submúltiplos,

<sup>8</sup> Os itens lexicais serão transcritos conforme constam do *corpus* sob análise.

as antigas terminologias *quarta* e *onça* realizaram-se, respectivamente, 04 e 28 vezes. A medida *quarta*, segundo Lopes (2005), era usada no Condado Portucalense para volumes, ou mais especificamente, para medir vinho. Entretanto, restou entre nós como medida de volumes, pelo menos de acordo com o *corpus* da pesquisa: *3 quartas de assucar; uma quarta de manteiga* (CRM-1896).

Constatamos, ainda, que, em algumas receitas do CRM-1896, o “novo” e o “antigo” se apresentam numa mesma orientação culinária, vejamos:

Quadro 1 – Uso invariável de pesos

<p><b>(1)</b></p> <p><b>4º Bolaxinhas de amendoas.</b></p> <p>1 <b>Kilo</b> de farinha de trigo, 3/4<sup>as</sup>   de assucar, duas colheres de man=  teiga, 2 ovos, 1 calice de vinho   branco, duas gotas de essência   de canella, uma <b>onça</b> bem   escassa de sál amoníaco,   [...]</p>	<p><b>(2)</b></p> <p><b>8.<sup>a</sup> Roscas.</b></p> <p><b>Meio Kilo</b> de fermento, 1 <b>Kilo</b>   de farinha, <b>meia lb.</b> de ba=  nha, 6 ovos, <b>1 lb.</b> de   assucar. (...)</p>
---	---

Fonte: Dados da Pesquisa.

Em (1), temos a medida múltipla *kilo*, do sistema francês, ao lado do submúltiplo *onça*, do sistema “antigo”; em (2), temos duas medidas múltiplas usadas concomitantemente: *kilo* e *libra*, dos sistemas francês e “antigo”, respectivamente.

Com essa exposição esperamos ter respondido à pergunta (i) por que ora se usava *libra*, *onça* e *quarto*, ora *kilo* e *grama*? Constatamos que o uso do novo com o “antigo” apenas reforça uma prática comum entre os povos, pois, conforme dissemos anteriormente, desde a ampliação do Império Romano, passando pela România Velha e pela Nova România, era comum essa prática, qual seja: misturar sistemas de pesos e medidas e os respectivos itens lexicais terminológicos.

Outro uso lexical que nos chamou a atenção foram as medidas intuitivas extraídas do *corpus*, conforme demonstra a tabela 2 abaixo:

Tabela 2 - Ocorrência do léxico de pesos e medidas

<b>Medidas intuitivas<sup>9</sup></b>	<b>No. de ocorrência</b>
<i>Chicara</i>	18
<i>Chicara de café</i>	01
<i>Chicara de cha</i>	14
<i>Chicara pequena</i>	01
<i>Colher</i>	50
<i>Colherzinha/ Colherinha</i>	05
<i>Colher de café</i>	01
<i>Colher de cha</i>	04
<i>Colher de sopa</i>	04
<i>Caneca de tirar sopa</i>	01
<i>Copo</i>	10
<i>Mão</i>	01
<i>Pires</i>	26
<i>Pires de cha</i>	02
<i>Pires grande</i>	01
<i>Pires pequeno</i>	01
<i>Prato</i>	20
<i>Prato fundo</i>	04
<i>Prato de mesa</i>	02
<i>Prato raso</i>	02
<i>Réis<sup>10</sup></i>	04
<i>Tigella</i>	02

Fonte: Dados da pesquisa.

Chamamos de intuitivas porque as indicações das medidas são muito particulares, embora haja algumas especificações tais como: *chicara de café*, *chicara de cha*, *chicara pequena*; *colherzinha/colherinha*, *colher de café*, *colher de cha* e *colher de sopa*; *pires de cha*, *pires grande*, *pires pequeno*; *prato fundo*, *prato de mesa* e *prato raso*, mas que, ainda assim, contêm imprecisões. O que seria uma *colherzinha/colherinha*? Uma colher menor que a de chá? O prato de mesa seria fundo ou raso? A caneca de tirar sopa seria grande ou pequena? Mas as medidas *chicara*,

<sup>9</sup> Os itens lexicais serão transcritos conforme constam do corpus sob análise.

<sup>10</sup> Antigo Real, que perdurou no Brasil até 1942, quando foi introduzido o Cruzeiro.

colher, *copo, pires e prato, tigella*, usados respectivamente, 18 vezes, 50 vezes, 10 vezes, 26 vezes, 20 vezes e 02 vezes, sem um sintagma que lhes restringisse o sentido, são ainda mais vagas. E o que dizer do uso da medida de uma parte do corpo, no caso a *mão*, e de moeda corrente, o *reis*? Para o questionamento que fizemos no início desta seção – Por que eram usadas medidas intuitivas? – além desses que acabamos de fazer, não temos como dar uma resposta precisa. O que devemos considerar é que a prática de fazer uso desses objetos e mesmo partes do corpo como medida nos remete ao que Zuin (2007) discorre sobre as primeiras unidades de comprimento. Segundo a autora, para fazê-lo, tomavam-se por base as dimensões do corpo, entre eles as mãos, e para os volumes eram utilizados utensílios do dia a dia. Ou seja, fazer uso dos itens domésticos indicados na tabela 2 poderia facilitar a medição da cozinha<sup>11</sup> do século XIX que poderia lançar mão do que lhe estava próximo.

Quanto ao uso da base monetária como medida de peso, localizado no *corpus 40 reis de fermento*, acreditamos que esse uso se liga ao mesmo caso anterior; ou seja, fazer uso de algum utensílio do dia a dia, embora dinheiro não seja exatamente um utensílio. Para além disso, acreditamos fosse comum, tal como ainda o é nos dias atuais, comprar um item que fosse/seja vendido a granel, adquirindo-se apenas o que uma determinada quantia em dinheiro permite comprá-lo. (Tal como muitos motoristas, atualmente, comprem, por exemplo, 50 reais de etanol ou de gasolina.)

### Considerações finais

Nosso propósito com este artigo não era o de discutir a história etimológica dos itens terminológicos ligados ao sistema de pesos e medidas, mas buscar, na memória cultural, a história do uso variante desses itens lexicais no receituário culinário de uma dona de casa marianense do século XIX. Verificamos que essa memória pode ser resgatada por meio do léxico, uma vez que ele possui, como se disse anteriormente, uma relação muito próxima à história cultural de uma comunidade que dele faz uso. Com isso, é possível (i) entrever o *modus vivendi* desse povo, (ii) verificar a apreensão da sua realidade e o modo como essa comunidade recorta o mundo e nele se organiza.

<sup>11</sup> Foi utilizado o termo no feminino porque àquela época apenas as mulheres se dedicavam aos afazeres domésticos, especificamente, ao ato de cozinhar.



Verificamos que, em 1874, apenas o sistema de pesos e medidas francês passa a ser unicamente legal e aceito; para medida de peso instituíram-se os múltiplos *decagrama*, *heptagrama*, *quilograma*, e os submúltiplos são o *decigrama*, *grama*, *centigrama*, *miligrama*... Todavia, vimos que a terminologia nova foi superada pela antiga: conforme a tabela 1, o uso dos itens *quilograma* e *grama* teve uma frequência total de 41 vezes; já as terminologias antigas *libra*, *onça* e *quarta* perfizeram um total de 148 ocorrências. Também constatamos que fazer uso de utensílio doméstico para medir o peso é uma prática que remonta às primeiras formas de medição (ZUIN, 2007), mas que permanece viva no receituário sob análise e, inclusive, até nos tempos atuais.

## Referências

ABDALA, M. C. **Receita de mineiridade**: a cozinha e a construção da imagem do mineiro. Uberlândia: EDUFU, 2015.

ASSMAN, A. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Trad. Paulo Sorthe. Campinas: Unicamp, 2011.

BIDERMAN, M. T. C. O estado da arte nas Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia. **Alfa**, v. 42 (Nº. Espec.). São Paulo: Edunesp, 1998.

BOURDIEU, P. **Outline of a Theory of Practice**. Cambridge: Cambridge Universal Press, 1977.

CABRÉ, M. T. **La terminologia**: Teoria, metodologia, aplicaciones. Barcelona: Editorial Empúries, 1993.

CAMBRAIA, C. N. **Introdução à crítica textual**. São Paulo, Martins Fontes, 2005.

CASCUDO, C. L. da. **História da Alimentação**. SP: Global, Editora, 2004.

DURANTI, A. **Antropologia Lingüística**. Madrid: Cambridge University Press, 2000.

FACHIN, P. R. M. **Descaminhos e dificuldades**: leitura de manuscritos do século XVIII. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2008.

FRIEIRO, E. **Feijão, angu e couve**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2019.

HAENSCH, G. *et al.* **La Lexicografía**: de La Lingüística teórica a La Lexicografía Práctica. Madrid: Gredos, 1982.

HALL, S. **A identidade cultural da pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaraciara, L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LOPES, L. S. A cultura da medição em Portugal ao longo da história. **Revista Educação e Matemática**, Lisboa, nº. 84, p. 42-48, 2005.

LUCCHESI, D. **Língua e sociedades partidas**: a polarização sociolinguística do Brasil. São Paulo: Contexto, 2015.

MACIEL, A. M. B. Terminologia, linguagem de especialidade e dicionários. In: KRIEGER, M. G.; MACIEL, A. M. B. (Org.) – **Temas de Terminologia**. Porto Alegre/São Paulo: Ed. Universidade/UFRGS/Humanitas/USP, 2001. p. 39-46.

MAGALHÃES, S. M. de. A escrita culinária em Minas Gerais nos séculos XIX e XX: o caderno de receitas de Plautina Nunes Horta. **Projeto História**, São Paulo, v. 72, p. 133-160, set-dez, 2021.

MATTOS E SILVA, R. V. **Caminhos da Linguística Histórica**: ouvir o inaudível. São Paulo: Parábola, 2008.

MENDES, S. T. P. **Combinações lexicais restritas em manuscritos setecentistas de dupla concepção discursiva: escrita e oral**. 2008. 750 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

MURAKAWA, C. A. A.; NADIN, O. L. (Org.). **Terminologia**: uma ciência interdisciplinar. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

NASCENTES, A. **Dicionário Etimológico Resumido**. RJ: Instituto Nacional do Livro/Ministério da Educação e Cultura, 1966.

OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (Org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, 1998.

TARALLO, F. **Tempos lingüísticos**: itinerário histórico da língua portuguesa. São Paulo: Ática, 1990.

VILELA, M. **Estudos de Lexicologia do Português**. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. **Identidade e diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2009.

ZAVAGLIA, A.; WELKER, H. **Lexicologia**. Grupo de trabalho Lexicologia, Lexicografia e Terminologia ANPOLL – GÉTLEX – Belo Horizonte: UFMG, 2008. Disponível em: <[http://www.letas.ufmg.br/padrao\\_cms/?web=gtlex&lang=1&page=2329&menu=1547&tipo=1](http://www.letas.ufmg.br/padrao_cms/?web=gtlex&lang=1&page=2329&menu=1547&tipo=1)>. Acesso em: 10 fev. 2022.

ZUIN, E. S. L. **Por uma nova aritmética**: o sistema métrico decimal como um saber escolar em Portugal e no Brasil oitocentista. 2007. 320 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.